# “A coordenação técnico-metodológica no trabalho das categorias de base: importância e contribuições”

Cristóvão de Oliveira Abreu
Graduado em Educação Física
Pós-Graduado em Ciência do Treinamento em Futebol e Futsal
MBA em Gestão de Pessoas
cristovaoabreu@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O desempenho no futebol apresenta característica multifatorial, orientado pela interação de componentes de ordem técnica, tática, física e psicológica (Aguiar, Botelho, Lago, Maças, & Sampaio, 2012) em um contexto de elevada imprevisibilidade, aleatoriedade e complexidade das ações (Garganta, 1997). Neste cenário, o processo de formação de jogador de futebol precisa, necessariamente, passar pela estruturação de metodologias e multidisciplinares equipes técnicas, as quais devem gerenciar recursos materiais e humanos de forma a garantir a melhor condição possível para o desenvolvimento dos componentes inerentes à performance inicialmente apresentados.

Neste contexto, a gestão das equipes de futebol já não pode representar um espaço exclusivo da tradicional dupla treinador-preparador físico. Funções de suporte ao trabalho de campo garantem melhores condições de desenvolvimento aos atletas e permitem a sistematização longitudinal do processo de formação esportiva pensado pelo clube. Diante disto, apresenta-se comum na atualidade a contratação de coordenadores técnicos e/ou metodológicos pelos clubes formadores com o intuito de melhor permitir a gestão ao longo do processo de formação. É sobre esta função que esta resenha incidirá.

## COORDENADOR TÉCNICO-METODOLÓGICO

Tradicionalmente, o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do futebol, bem como dos demais Jogos Esportivos Coletivos, pautou-se essencialmente pela maximização do desempenho técnico – isolado do contexto de jogo – entendendo que repousaria na técnica o sucesso esportivo dos praticantes (Greco, 1998; Teoldo,

Guilherme, & Garganta, 2015). A primazia técnica sempre se apresentou como fator diferenciador do futebol brasileiro em relação ao resto do mundo, sendo apontada como responsável por inúmeras conquistas internacionais de clubes e seleções.

Contudo, a evolução dos processos de treino observada em todo o mundo associada à radical redução na experiência motora das crianças e adolescentes na atualidade – justificada pela expansão das metrópoles e redução dos espaços públicos para a prática esportiva, a exemplo dos campos de várzea – resultou em profundas modificações na concepção do processo de E-A-T no futebol. O ambiente de aprendizagem, outrora dominado pelo ensino dos "fundamentos", passou a compreender conteúdos tático-estratégicos inerentes à nova dinâmica do jogo, conferindo maior espaço aos princípios táticos (Silva, 2008; Tamarit, 2007) e à modelação tática e estratégica das equipes (Garganta, 1997).

Diante destes novos conteúdos, novas metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento, nomeadamente a Periodização Tática (Silva, 2008; Tamarit, 2007) ganharam espaço, repercutindo na necessidade de repensar o processo de E-A-T no futebol. Um ambiente antes dominado por "manuais de ensino", reproduzido integralmente independente do contexto de ensino (idade, clube, objetivos), passou a possuir características dinâmicas e complexas, ampliando a necessidade de controle dos conteúdos longitudinalmente abordados pelo clube.

Em paralelo, apresenta-se recorrente na atualidade a discussão acerca do Modelo de Jogo (Garganta, 1997; Silva, 2008). Este modelo, orientador da forma de jogar da equipe, compõe-se de princípios e sub-princípios (Teoldo et al., 2015) que definem referências para a ação dos jogadores durante a partida, conferindo, assim, especificidade à forma de jogar das equipes e apresentando-se como mais um elemento constitutivo do atual contexto de formação das equipes de futebol.

Acresce-se a esta característica, o recente desenvolvimento metodológico e tecnológico que permite, atualmente, melhor controle operacional sobre os processos de treinamentos. A avaliação do Conhecimento Tático – Declarativo e Processual - (Costa, Garganta, Greco, Mesquita, & Maia, 2011; Greco, 2006, 2007; Praça, Soares, Matias, Costa, & Greco, 2015), do desempenho físico em contexto de jogo por meio de equipamentos de GPS (Aughey, 2011) e de novas técnicas de avaliação no âmbito da fisiologia do exercício (Bangsbo, 2003; Stølen, Chamari, Castagna, & Wisløff, 2005) aumentaram significativamente o aporte de informação acerca dos atletas em um clube.

Contudo, este aumento necessita de uma correta gestão de informação, de forma a integrar as avaliações e, principalmente, conferir sentido – qualitativo – aos dados apresentados.

Somado a isso, acrescenta-se uma baixa incidência no Brasil de cursos de graduação e pós-graduação com ênfase na formação de treinadores e gestores para atuação nos diferentes jogos esportivos coletivos, incluindo o futebol, problema que se agrava na medida em que se constata a ausência de uma "escola brasileira de futebol", como se observa em outros países (Espanha, Alemanha, Inglaterra e Portugal, como exemplo). A inexistência de uma forma de jogo estabelecida, agravada pela ausência de cursos de formação de treinadores em larga escala no país, faz com que cada profissional de futebol, ao ser contratado por uma equipe, traga suas próprias convicções/formas de entender o jogo e, precipitadamente, tente impor o seu jogar ao clube. Assim, um processo que deveria ser pensado longitudinalmente (do sub-12/13 até o sub-23) passa a ser composto por inúmeros fragmentos desconexos, caracterizados por visões pouco integradas do futebol em um mesmo clube e potencialmente prejudiciais à formação esportiva.

Diante deste contexto de elevada complexidade – novos métodos de treino, cada vez menos automatizados, novos instrumentos para avaliação da performance, composição cada vez mais ampliada de comissões técnicas e ausência de especificidade na formação de treinadores – o estabelecimento de sistemas de gestão técnica e metodológica apresenta-se latente para os clubes formadores do Brasil. Além de pensar longitudinalmente o processo, respondendo permanentemente à pergunta: "qual o perfil de atleta queremos formar", é necessário acompanhar e sistematicamente avaliar a condução deste processo, garantindo que todas as peças – treinadores, preparadores físicos, treinadores de goleiros, auxiliares técnicos, massagistas, roupeiros e outros – comunguem da visão de futebol adotada pelo clube e, principalmente, trabalhem com o foco na formação esportiva – para além de um foco imediatista da obtenção de resultados nas categorias de base.

Este é o contexto em que a atuação do coordenador técnico-metodológico se insere. Entende-se que esta função represente um importante elo entre a gestão central do clube e os processos de E-A-T *in loco*. Este cargo, na atual demanda do futebol, não pode representar apenas um profissional essencialmente de campo – responsável unicamente pela avaliação dos treinos e acompanhamento do trabalho das comissões técnicas – nem apenas um profissional de escritório – que planeja, distante da realidade física do clube, conteúdos e processos formativos do clube. Cabe a este profissional integrar o

planejamento e a execução, nomeadamente ao que se refere aos conteúdos inerentes ao processo de E-A-T (garantindo o êxito ao planejamento prioritário estabelecido no processo longitudinalmente desenvolvido) e à condução do processo pelas comissões técnicas (garantindo que os meios e métodos de treinamento encontram-se adequados ao desenvolvimento de tais conteúdos). Assim, é esperado que este profissional domine concomitantemente, conteúdos de gestão humana e conhecimento técnico-tático, permitindo um adequado acompanhamento – entre o que é planejado e o que é colocado em prática nos escalões de formação do clube.

## REFERÊNCIAS


Aguiar, M., Botelho, G., Lago, C., Maças, V., & Sampaio, J. (2012). A review on the effects of soccer small-sided games. *Journal of Human Kinetics, 33*(1), 103-113. doi: 10.2478/v10078-012-0049-x

Aughey, R. J. (2011). Applications of GPS technologies to field sports. *International Journal of Physiology and Performance, 6*.

Bangsbo, J. (2003). Physiology of training. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 51–64). London, UK: Taylor & Francis Group.

Costa, I. T., Garganta, J. M., Greco, P. J., Mesquita, I., & Maia, J. (2011). System of tactical assessment in Soccer (FUT-SAT): Development and preliminary validation. *Motricidade, 7*(1), 69-83.

Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento.* (Doutorado), Universidade do Porto.

Greco, P. J. (1998). *Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube* (Vol. 2). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Greco, P. J. (2006). Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 20*(sup. 5), 210-212.

Greco, P. J. (2007). Tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos: o conhecimento tático-técnico como eixo de um modelo pendular. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 7*(Sup.).

Praça, G. M., Soares, V. O. V., Matias, C. J. A. S., Costa, I. T., & Greco, P. J. (2015). Relationship between tactical and technical performance in youth soccer players. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, 17*(2), 136-144.

Silva, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar segundo a periodização tática*. Pontevedra: MC Sports.

Stølen, T., Chamari, K., Castagna, C., & Wisløff, U. (2005). Physiology of Soccer: an update. *Sports Medicine, 35*(6), 501-536.

Tamarit, X. (2007). Que és la periodización táctica? Vivenciar el juego para condicionar el juego.

Teoldo, I., Guilherme, J., & Garganta, J. (2015). *Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes*. Curitiba, Brasil: Editora Appris.